



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUES DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Teorias e Metodologias

PRÁTICAS FAMILIARES, RITUAIS E IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA. DILEMAS E DESAFIOS NA ADAPTAÇÃO DA 'ENTREVISTA DE EPISÓDIO' A MÚLTIPLOS EPISÓDIOS

COSTA, Rosalina Pisco

Doutorada em Ciências Sociais (ICS-UL)

Universidade de Évora/CEPESE

rosalina@uevora.pt

Resumo

Este texto apresenta e discute, a partir de uma análise empiricamente ilustrada, o recurso metodológico a uma forma particular de entrevista: a entrevista de episódio. Ao partir do pressuposto que as experiências dos indivíduos são armazenadas e recordadas na forma de conhecimento semântico (conceitos e inter-relações entre conceitos) e de narração de episódios (experiências, situações e circunstâncias concretas), a entrevista de episódio permite a recolha de dados (da parte do investigador) sob a forma de uma narrativa contextualizada (pelo entrevistado), o que traz maior densidade ao discurso, uma vez que os significados estão mais próximos das experiências e do contexto que os gera. Argumentamos, em suma, que a opção por uma abordagem metodológica qualitativa, intensiva e em profundidade, assente principalmente no recurso a uma entrevista de episódio, permitiu captar experiências e significados associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares enquanto processos interactivos e significantes, simultaneamente localizados na cultura, história e biografia pessoal, o que foi decisivo para estabelecer e desenvolver o argumento principal da tese a que chegámos.

Abstract

Departing from an empirical and illustrative analysis, this paper presents and discusses the methodological approach to a particular form of interview: the episodic interview. On the assumption that the experiences of individuals are stored and recalled in the form of semantic knowledge (concepts and interrelationships between concepts) and the narration of events (experiences, situations and circumstances), the episodic interview allows the collection of data (by the researcher) in the form of a contextualized narrative (by the informant), which brings greater density to the accounts, since the meanings are closer to the experience and the context that generated them. We argue, in short, that the choice of a qualitative intensive and in depth methodological approach, based mainly in the use of an episodic interview, allowed us to capture experiences and meanings associated with practices and representations of family rituals as multidimensional interactive and significant processes, while anchored in the culture, history and personal biography, which was crucial to establish and develop our thesis' main argument.

Palavras-chave: Entrevista de Episódio; Investigação Qualitativa; Metodologia; Família; Rituais.
Keywords: Episodic Interview; Qualitative Research; Methodology; Family; Rituals.

PAP1496

Introdução

Neste texto contextualizamos e apresentamos um tipo particular de entrevista – a entrevista de episódio – como instrumento principal para a recolha de dados por detrás de uma tese de doutoramento que procurou questionar e discutir o alcance das teorias da desinstitucionalização, individualização e risco enquanto chave explicativa para a compreensão do que é, hoje, a família¹.

Com o pressuposto de que «a Sociologia não é uma acção, e sim uma *tentativa de compreensão*» (Berger, 1978 [1963], p. 13)², intentámos retratar e compreender, por dentro e na sua diversidade, o lugar dos rituais familiares na construção da família contemporânea, o que implicou procurar responder, de modos e em tempos distintos, às seguintes sub-questões de partida: quais são e como se caracterizam os rituais familiares da família contemporânea?; que relações estabelecem e como se articulam com estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género que atravessam a família?; finalmente, que lugar ocupam na construção da família contemporânea? Procurámos, em suma, compreender os modos através dos quais os rituais familiares contribuem para «construir», «fazer» ou «fabricar» a família.

Debruçamo-nos, em concreto, sobre os rituais familiares, enquanto práticas prescritas que resultam da interacção familiar, direccionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico. Partilhamos da classificação de Wolin e Bennett (1984) que distingue entre celebrações, tradições familiares e interacções padronizadas e estabelecemos dois pares de dimensões de pesquisa principais (representações e práticas, acção e emoção), que agrupamos na busca por protagonistas, espaços, tempos, sensações, símbolos e significados. Finalmente, olhamos a estrutura e dinâmica familiar (famílias bi-parentais e monoparentais, dinâmicas conjugais e parentais), contextos sociais de pertença (posição sócio-profissional e rede social), e ainda dinâmicas de género, situadas que estão num tempo social determinado. Mas, justamente porque «uma análise não é uma explicação» (Durkheim, 1975 [1888], p. 13), é necessário procurar também, e sobretudo, quais são *les raisons d'être*. O nosso objectivo último foi, então, o de compreender o modo como os rituais familiares ajudam à construção da família contemporânea, já que sociólogos e antropólogos sugerem que os rituais constituem uma forma de as famílias delimitarem as suas fronteiras, estruturarem a definição e atribuição de papéis, e criarem e reafirmarem uma representação e sentido sobre elas próprias e a sua existência. Em suma, constroem-nas *para dentro*, isto é, para os seus membros e na perspectiva dos seus actores; mas também *para fora*, ou face ao exterior, no espaço social que as coloca em co-existência com outras famílias. Implicitamente, avançamos na investigação com a hipótese geral de que os rituais familiares constituem lugares de construção da família contemporânea (*para dentro e para fora*) e que, acompanhando o processo de modernização da família, são hoje tendencialmente privados, individualizados e sentimentais, ao mesmo tempo que fortemente matizados por estruturas e dinâmicas familiares, contextos sociais de pertença e dinâmicas de género.

Convictos que nesse esforço de compreensão é necessário colocar o olhar sociológico, «um olhar intenso, penetrante e dotado de uma imaginação tão viva e tão sociológica quanto possível» (Hughes, 1984 [1971], p. xix), privilegiámos uma abordagem qualitativa, intensiva e em profundidade. Metodologicamente, procurámos captar, justamente, experiências e significados associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares enquanto processos interactivos e significantes simultaneamente localizados na cultura, história e biografia pessoal. Com recurso a entrevistas qualitativas de episódio (Flick, 1997) foram reunidas e analisadas em profundidade as narrativas contextualizadas de homens e mulheres a viver em contextos familiares diversificados e numa fase particular do curso de vida familiar, a de famílias com filhos pequenos (0-14 anos de idade).

Na actualidade é dado adquirido a complexidade e diversidade de realidades familiares e «o seu interior», mais que «a sua forma», são preocupação central no campo da Sociologia da Família (Quénart & Hurtubise, 1998). Optar pela entrevista qualitativa para captar esse lado «interior» é simultaneamente desafiante do ponto de vista intelectual, pragmático, social e ético (Mason, 2002, p. 82). Apesar de fascinante, a sua construção, aplicação, tratamento e análise exige não apenas recursos consideráveis de tempo, como também competências que o investigador tem necessariamente de possuir, estimular, desenvolver ou adquirir. No

caso particular, esta tarefa foi tanto mais estimulante e desafiadora quanto a investigadora, por um lado, acumulou todas as tarefas que lhe estão associadas, desde o desenho da entrevista, à aplicação, transcrição, tratamento e análise de dados; por outro, tinha como experiência anterior, em termos de investigação de monta, a relacionada com estratégias de investigação quantitativa e extensiva (Costa, 2003). Do silêncio quieto dos centros de documentação ao diálogo vivo das situações de entrevista; da aridez das estatísticas demográficas e censos de população à fecundidade de registos áudio, transcrições e notas de observação; da linearidade monocromática da análise quantitativa à plasticidade policromática dos «qualitativos», revim-nos sucessivamente nas diversas metáforas utilizadas para dar conta do investigador qualitativo: «coreógrafo» (Janesick, 2000, p. 379), primeiro; «maestro» (Mason, 2002, p. 73), depois; «artesão» (Denzin & Lincoln, 2000, p. 4), por fim.

1 – Pressupostos de investigação: estudo qualitativo, intensivo e em profundidade

Ao estudar a família, o investigador lida com um conjunto de obstáculos metodológicos que são, simultaneamente, obstáculos epistemológicos. Destes, e para além do envolvimento pessoal com o tema, talvez o principal tenha que ver com a natureza privada do objecto (Gelles, 1995). Ultrapassar tal privacidade não é tarefa fácil e obriga a romper com uma dupla capa de privacidade: primeiro, a que separa a família relativamente à sociedade; simultaneamente, uma segunda, mais subtil e resguardada, simbolizada pelas pequenas «portas» que persistem no discurso dos indivíduos que de forma latente ou manifesta ocultam determinados aspectos da vida familiar.

A investigação que desenvolvemos visava, como já referimos, a inventariação, descrição, análise e compreensão dos rituais familiares na contemporaneidade. No acesso ao mundo privado das famílias que tal estudo necessariamente pressupõe e implica, o método seguido não podia ser outro que o qualitativo, assente numa «lógica da descoberta» (Pais, 2002). De forma transversal no percurso de investigação: da clarificação da problemática que nos serve de base à construção do modelo de análise, recolha e análise dos dados, essa «lógica da descoberta» afigura-se como o caminho mais adequado para «espreitar» pelos sucessivos «buracos da fechadura» (Berger, 1978 [1963], p. 28) que existem nas várias «portas» que teremos de abrir. Consideramos que apenas desta forma, seguindo o conjunto de pistas fornecidas pelos protagonistas da acção – e do discurso –, que podemos ultrapassar os obstáculos epistemológicos decorrentes da natureza privada do objecto de estudo, responder à questão de partida enunciada e, em perspectiva weberiana, *compreender* a realidade social (Weber, 1947).

Metaforicamente, a investigação qualitativa pode ser perspectivada como uma coreografia (Janesick, 2000, p. 379). À semelhança do trabalho do coreógrafo, o investigador qualitativo combina procedimentos rigorosos com um fim em aberto que o modelo hipotético-dedutivo clássico não permitiria alcançar. O «bom coreógrafo» é aquele que consegue captar a complexidade da dança e torná-la «óbvia» aos olhos de quem o observa; o investigador como coreógrafo é, na perspectiva desta autora, aquele que consegue tomar uma parte do «real», contextualizar e re-contextualizar continuamente a investigação a partir do seu *background* teórico e dos dados trazidos a lume pelos participantes no estudo, conferindo-lhes sentido e permitindo uma compreensão «a partir de dentro». A metáfora expande-se para ver no investigador qualitativo alguém que à semelhança do coreógrafo recusa limites e recorre a inúmeras técnicas. Da mesma forma que o coreógrafo utiliza tanto o *minuet* como a improvisação, assim também o investigador qualitativo combina na sua investigação abordagens mais formais e rígidas com abordagens mais abertas e flexíveis: a investigação começa com movimentos fixos, o guião das entrevistas é delineado, as entrevistas são agendadas e têm lugar. Ao mesmo tempo, e no decorrer da entrevista, o investigador suscita nova informação, improvisa e questiona para além do guião. Na verdade, uma estratégia intensiva estimula a criação de um clima propício para que o indivíduo possa descobrir e revelar atitudes correspondentes aos seus pensamentos mais profundos e em que ele próprio é o intérprete da sua experiência (Holstein & Gubrium, 1994). Mais tarde, aquando do processo de escrita, retoma leituras, entrevistas e notas de campo e reescreve criativamente narrativas em torno dos dados que recolheu e dos entrevistados que ouviu. O investigador é ele próprio, e não a técnica que utiliza, «o instrumento principal de pesquisa qualitativa» (Janesick, 2000, p. 380).

Ao encontro da tradição weberiana já evocada, o método qualitativo apresenta-se como o mais adequado à compreensão dos significados, interpretações e experiências subjectivas dos membros da família. Aliás, e como afirma Kerry Daly, a longa relação entre investigação qualitativa e pesquisa em torno da família atesta a sua «compatibilidade fundamental» (Daly, 1992, p. 3)³. Ao optar por uma metodologia eminentemente qualitativa para o estudo dos rituais enquanto práticas familiares (Morgan, 1996 e 1999), o nosso objectivo não é identificar traços e tendências estruturais ou demográficas, mas fazer emergir os processos pelos quais as famílias criam, mantêm e discutem as suas realidades. O foco é, assim, colocado nas próprias famílias, e concretamente nos seus membros, enquanto principais intérpretes dos significados das suas próprias experiências. Ao invés de uma perspectiva parcelar, centrada sobre variáveis isoladas, o método qualitativo favorece o estudo holístico da família, centrado nas interacções, dinâmicas e contextos (LaRossa & Wolf, 1985), donde intensivo.

É, em suma, uma abordagem em profundidade que prosseguimos em investigação qualitativa, pois só esta permite, relativamente aos objectivos que nos propomos alcançar, uma compreensão rica e matizada da realidade social. Distinguimo-la de uma certa metodolatria⁴, uma combinação de metodologia e idolatria utilizada por Valerie Janesick para descrever a preocupação obsessiva com a selecção e defesa de métodos que excluem «a verdadeira essência da história a ser contada» (Janesick, 2000, p. 390). A investigação qualitativa não é, pois, uma ferramenta mas um lugar. Um lugar de observação que nos permite captar a riqueza, a profundidade, as matizes, o contexto, a multi-dimensionalidade e a complexidade da «textura da vida quotidiana» (Mason, 2002, p. 1). É neste lugar que nos situamos aqui.

2 – Desafios à recolha de dados: a entrevista de episódio adaptada a vários episódios

Como adverte Gillham (2005), o trabalho qualitativo não é um trabalho fácil, leve ou simples; antes duro, criativo e particularmente exigente. É um processo «moroso e sem atalhos» (Gillham, 2005, p. 70), cuja implementação obriga a definir com clareza e acuidade, tanto os critérios subjacentes à construção da amostra e selecção das unidades de observação, como também o(s) instrumento(s) que permita(m), em última instância, recolher os dados e responder às interrogações de partida. Ora, se do ponto de vista dos objectivos traçados nos interessa dar conta da diversidade e complexidade de rituais familiares na família contemporânea, como proceder?

O recurso a uma entrevista qualitativa foi a forma que encontramos para captar a perspectiva interior sobre o indivíduo enquanto membro de uma família⁵ que pretendíamos. Ao fazê-lo, identificamo-nos com a já longa tradição qualitativa de análise dos rituais familiares (Bossard & Boll, 1950; Viere, 2001; Fiese *et al.*, 2002), e reconhecemos as suas mais-valias para os objectivos em presença, sobretudo quando comparadas às metodologias quantitativas⁶.

Acompanhando de perto o trabalho de Jennifer Mason (2002), reservamos o termo «entrevista qualitativa» para nos referirmos a uma entrevista em profundidade, semi-estruturada, e caracterizada por uma interacção verbal face-a-face, baseada no diálogo com um estilo relativamente informal de conversação; uma abordagem temática que permite variações em torno de um guião previamente definido, fomenta uma interacção fluida e flexível e até mesmo desenvolver temas novos e inesperados; e, finalmente, a perspectiva segundo a qual o conhecimento é situado e contextual e, nessa medida, o investigador deve fazer emergir tais contextos com vista a uma aproximação tão grande quanto possível do «real». A entrevista pode ser vista como um forma de explorar os projectos reais, potenciais e imaginados pelos indivíduos (Schostak, 2006, p. 50), daí que seja especialmente vocacionada para captar representações e não apenas práticas sociais.

Planear, construir, aplicar e tratar uma entrevista qualitativa revelou-se uma tarefa simultaneamente exigente e criativa (Mason, 2002). Especial atenção foi colocada, desde logo, na preparação de um guião suficientemente rico e flexível, que permitisse ao entrevistado sentir-se o mais à vontade possível. Deixando-o falar – com as suas próprias palavras e na ordem que mais lhe conviesse – a entrevista qualitativa semi-estruturada permitiu alcançar os fins a que se propunha: conciliar e maximizar autenticidade e profundidade e assim captar a análise do sentido que os actores transmitem sobre a forma de narrativas.

Entrevistar os indivíduos sobre os rituais familiares que promovem, vivenciam, em que participam, a que aspiram ou que recusam, obrigou a desenhar um guião que contemplasse um conjunto de questões suficientemente amplas mas ao mesmo tempo incisivas na procura de respostas à pergunta de partida enunciada. Dividimo-lo em cinco secções, antecedidas por um conjunto de considerações prévias e precedidas por algumas questões de remate⁷. A primeira secção destina-se a recolher informação de caracterização social do entrevistado; a segunda, terceira e quarta secção constituem a sua parte substantiva e visam recolher informação aprofundada sobre os rituais familiares. Em cada secção o número de questões é relativamente reduzido, o que não é, todavia, um indicador de profundidade. De facto, uma entrevista semi-estruturada permite justamente que as respostas dos entrevistados sejam acompanhadas de questões complementares ou modos de exploração vários (nem sempre pré-definidos), utilizadas em contexto pelo entrevistador à medida do que julgar necessário⁸.

Quanto à estrutura, e antevendo o hiato entre os conceitos sociológicos e a linguagem de senso comum, antecipámos as dificuldades associadas à aplicação de um guião que importasse directamente as categorias sociológicas de «rotinas» e «rituais» (Fiese, 2006), «interacções padronizadas», «tradições» e «celebrações familiares» (Wolin & Bennett, 1984), ou «rituais do ciclo de vida» (Imber-Black & Roberts, 1993)⁹. Como ultrapassar esta questão no sentido de desenhar um guião de entrevista que nos permitisse, simultaneamente, captar a diversidade e complexidade dos rituais familiares?¹⁰

Rejeitámos à partida a possibilidade de confrontar directamente os entrevistados com um conjunto de rituais familiares definidos *a priori* a partir de estudos empíricos anteriores: as refeições em família, as férias em família, o Natal ou as histórias de dormir contadas às crianças, etc.¹¹. Tal abordagem não seria, em si mesmo, muito diferente da obtida por meio de estudos quantitativos, como os que se baseiam no desenvolvimento do *Family Routines Inventory* (FRI) (Jensen *et al.*, 1993) e do *Family Ritual Questionnaire* (FRQ) (Fiese & Kline, 1993). Sujeitos a um conjunto de questões fechadas, os inquiridos são, nesses casos, chamados tão-somente a identificar e caracterizar os cenários de prática dos rituais familiares, em função de várias dimensões¹².

A solução encontrada passou, então, por privilegiar, a aproximação à entrevista de episódio (Flick, 1997; 2005 [2002]). Este tipo de entrevista parte do pressuposto que as experiências dos indivíduos são armazenadas e recordadas na forma de conhecimento semântico (conceitos e inter-relações entre conceitos) e de narração de episódios (experiências, situações e circunstâncias concretas)¹³. Particularmente adaptada para analisar rotinas ou outros fenómenos habituais da vida quotidiana, o conhecimento dos episódios obtém-se da conjugação de duas estratégias principais. Por um lado, estimula-se a narrativa em torno de situações, experiências e circunstâncias concretas (*e.g.* «Como foi o dia do nascimento do seu filho?», «Pode contar-me, por favor, como foi?») ¹⁴. Por outro lado, procura-se o conhecimento semântico mediante a colocação de questões concretas (*e.g.* «Como viveu esse dia?», «Que sentimentos associa a esse dia?»). Enquanto no primeiro caso o desenrolar da situação em contexto é a unidade principal em torno da qual o conhecimento é organizado; no segundo caso as unidades nucleares de organização do conhecimento são os conceitos e as suas-interrelações.

Sabemos, pela literatura, que a uma grande parte de classificações de rituais familiares subjaz um critério de frequência. Entre «interacções padronizadas», «tradições» e «celebrações familiares» (Wolin & Bennett, 1984), como também entre «o essencial do dia-a-dia», as «tradições familiares», as «celebrações familiares» e os «rituais do ciclo de vida» (Imber-Black & Roberts, 1993), há um *continuum* que liga os rituais mais frequentes aos mais esporádicos. Inspirados por esta constatação, a entrevista de episódio revelou-se particularmente adaptada ao objecto de estudo em presença. O conjunto de questões que compõem o núcleo central da entrevista foi estruturado em três blocos principais, a que correspondem as secções II, III e IV, organizados a partir de uma distinção entre dias «normais», dias «diferentes» e «ocasiões de família». Prevendo uma combinatória de narrativas orientadas para contextos de situações ou de episódios diversos, a solução encontrada resultou na combinação de critérios múltiplos numa matriz de análise: representações e práticas; frequência e importância; sincronia e diacronia. Por um lado, insistir na normalidade dos dias do quotidiano e opô-la aos dias «diferentes» permite captar através de uma linguagem próxima do entrevistado as interacções padronizadas daquilo que se repete, como as rotinas do dia-a-dia, deixando de fora os

acontecimentos menos frequentes ou mesmo únicos. Por outro lado, há um conjunto de acontecimentos na vida familiar que parecem ter um denominador comum que favorece a sua adjetivação como «ocasiões de família». Esta expressão está suficientemente presente no imaginário, quotidiano e no vocabulário geral para captar acontecimentos «importantes» e simultaneamente mais «ocasionais», sendo comumente utilizada para referir os «jantares de família», as «festas de família», ou «os serões em família», precisamente porque se trata de ocasiões «em família», isto é, «entre os parentes», «entre os seus», ou «na intimidade da família»¹⁵.

Um sub-bloco de questões visa captar por parte do entrevistado a importância e o significado das várias actividades identificadas dentro de cada uma das três categorias específicas enunciadas. Procurando sempre conciliar profundidade e compreensão, e para não tornar a entrevista demasiado longa, densa e repetitiva para o entrevistado, solicitamos-lhe que se debruce de modo particular não sobre todos os rituais que identificou, mas sim, e em momentos distintos, sobre aquele que se reveste de maior e o que se reveste de menor importância para a situação familiar actual¹⁶. Esta mesma estratégia é seguida para as três categorias identificadas, conduzindo-o a, primeiro, reflectir sobre o conjunto de rituais que se incluem numa determinada categoria; segundo, a eleger aqueles que por atracção e repulsa se revestem de maior e menor importância para a situação familiar actual. Assim, recolhemos em extensão informação sobre a diversidade de rituais que existem na família e, em intensidade, sobre os mais e menos importantes na perspectiva dos entrevistados. Julgamos que, na medida em que o estudo sobre os rituais familiares se tem centrado sobre as suas funções positivas, o modo como contribuem para a harmonia familiar e para a solidificação de sentimentos de amor e pertença (Coltrane, 1998), esta proposta empírica pode conduzir-nos a captar também «o outro lado do ritual familiar». Optámos por esta estrutura não apenas porque nos parece intuitiva para os entrevistados, já que as suas categorias se afiguram suficientemente exclusivas entre si para que possamos retirar daí algum valor heurístico¹⁷, como também porque oferece uma perspectiva em aberto sobre o objecto, justamente aquilo que nos interessa explorar.

Porque o elemento central na entrevista de episódio é o convite periódico a que o entrevistado faça narrativas de situações centradas sobre os vários rituais familiares identificados *a priori*, o guião foi preparado de forma a orientar o entrevistador para os vários domínios temáticos (episódios) onde se requer este tipo de narrativa. Recorrendo a uma epígrafe introdutória¹⁸ instigamos depois o entrevistado à identificação, caracterização e enunciação dos significados associados aos diversos rituais familiares. Neste percurso utilizamos uma bateria de questões comum estruturada nas seguintes dimensões: protagonistas; espaço; tempo; sensações; símbolos; e significado, a partir de uma leitura dupla: sincrónica («como se caracterizam?») e diacrónica («foi sempre assim? O que mudou ao longo do tempo? Porquê?») ¹⁹. Finalmente, a secção V, e última, intenta recolher informação que nos permita ultrapassar a dimensão mais objectiva dos rituais familiares e compreender o modo como contribuem para a construção da família, razão pela qual as questões incidem em temáticas como as ideias sobre o que é a família, identidade, tradição e memória familiar.

Uma vez recolhidos os dados, incitados à escrita e a cumprir o desiderato que «[...] culmina em palavras, frases, parágrafos, páginas e capítulos» (Clesne, 1999, p. 159), optámos pela reconstrução textual de narrativas contextualizadas (Flick, 2005 [2002]). Particularmente adaptada à entrevista de episódio, a narrativa contextualizada aproxima os dados das experiências e do contexto que os gera e procura daí retirar o sentido interpretativo mais amplo. Para o leitor resulta a apresentação da informação de uma forma fluida, onde a interpretação surge mesclada com citações *verbatim* incluídas no corpo do texto e que evidenciam ora tendências centrais na análise, ora diversidade e excepção à norma. Recusamos a ideia segundo a qual este tipo de interpretação des-contextualiza os excertos, retirando significado às entrevistas. Aliás, sempre que foi considerado relevante, as narrativas dos entrevistados foram complementadas com dados circunstanciais que ajudam à contextualização. Uma vez que a informação considerada pertinente é muito diversa, seleccionam-se as variáveis que se afiguram mais contíguas e discriminantes relativamente às áreas temáticas em análise²⁰. Acresce ainda, como elemento de controlo, o facto de neste estudo o investigador coincidir com o entrevistador, o que faz com que maior atenção seja dada ao contexto da entrevista.

Primeiro coreógrafo, depois maestro, a entrevista de episódio abre ainda espaço para uma última metáfora para o investigador qualitativo. Ele é, agora, um «*bricoleur*» (Denzin & Lincoln, 2000, p. 4) que dá a

conhecer o fruto do seu labor aos outros. Um trabalho moroso, minucioso, exigente e apaixonado como é o de qualquer artesão, inclusive o intelectual (Mills, 1975).

Notas finais

Argumentamos neste texto que a opção por uma abordagem metodológica qualitativa, intensiva e em profundidade, assente principalmente no recurso a uma entrevista de episódio (Flick, 1997; 2005 [2002]), permitiu captar experiências e significados associados a práticas e representações pluridimensionais dos rituais familiares enquanto processos interactivos e significantes, simultaneamente localizados na cultura, história e biografia pessoal.

Com base no pressuposto que as experiências dos indivíduos são armazenadas e recordadas na forma de conhecimento semântico (conceitos e inter-relações entre conceitos) e de narração de episódios (experiências, situações e circunstâncias concretas), a entrevista de episódio permite a recolha de dados (da parte do investigador) sob a forma de uma narrativa contextualizada (pelo entrevistado), o que traz maior densidade ao conhecimento dos rituais familiares, uma vez que os significados estão mais próximos das experiências e do contexto que os gera (Flick, 2005 [2002], p. 107). Partindo do conhecimento experiencial de episódios vividos em situação e relevantes para o problema em estudo, o entrevistado é levado a apresentar de modo mais claro as suas experiências, a narrá-las em toda a sua especificidade e, ainda, a enfatizar aspectos subjectivamente significativos. O guião de entrevista que construímos previa, justamente, uma combinatória de narrativas orientadas para contextos de situações ou de episódios diversos, sendo que a solução encontrada resultou na estruturação do *corpus* central do guião a partir da combinação de critérios múltiplos numa matriz de análise: representações e práticas; frequência e importância; sincronia e diacronia. A entrevista de episódio revelou-se, pois, particularmente adaptada ao objecto de estudo em presença e foi, cremos, decisiva para estabelecer e desenvolver o argumento principal da tese a que chegámos.

No ano em que se assinalam 100 anos sobre a publicação de *As Formas Elementares da Vida Religiosa* (1912), procuramos com este texto, embora indirectamente, demonstrar também a actualidade, operacionalidade e proficuidade das teses durkheimianas em torno do estudo do ritual, a partir da análise empiricamente ilustrada do recurso a uma forma particular de entrevista. Estamos convencidos que um maior conhecimento por parte da comunidade científica portuguesa sobre as vantagens da entrevista de episódio poderá contribuir para, do ponto de vista da prática da investigação, aumentar a eficácia, eficiência e rigor dos métodos e técnicas de pesquisa por referência a um enquadramento teórico específico e, ao mesmo tempo, promover o debate interdisciplinar sobre a ‘prática da razão sociológica’ nas várias aproximações empíricas à família contemporânea.

Bibliografia

- Berger, P. (1978 [1963]). *Perspectivas Sociológicas – uma visão humanística*. 4ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- Bossard, J. H. S., & Boll, E. S. (1950). *Ritual in Family Living – A Contemporary Study*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Boyce, W. *et al.* (1983). The family routines inventory: Theoretical origins. *Social Science & Medicine*, 17, 4, 193-200.
- Chirban, J. T. (1996). *Interviewing in Depth. The Interactive-Relational Approach*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Clesne, C. (1999). *Becoming Qualitative Researchers. An introduction*. 2nd ed. New York: Longman.
- Coltrane, S. (1998). *Gender and Families*. London: Pine Forge Press.

- Costa, R. P. (2011). *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea*, tese de Doutorado em Ciências Sociais, área de especialização: Sociologia Geral, Lisboa, ICS-UL, Portugal. Disponível: <http://hdl.handle.net/10451/4770>
- Costa, R. P. (2003). *Filhos do Adeus. (Des)sincronização Familiar e Fecundidade depois dos 40 anos no Portugal Contemporâneo*, dissertação de mestrado em Sociologia, área de especialização 'Família e População', Évora, Universidade de Évora, Portugal. Disponível: URL: <http://hdl.handle.net/10174/3286>
- Daly, K. (1992). The Fit between qualitative research and characteristics of families. In J. F. Gilgun, K. Daly, & G. Handel [Ed.]. *Qualitative Methods in Family Research* (3-11). Newbury Park: Sage Publications.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. (2000). Introduction – The Discipline and Practice of Qualitative Research. In N. Denzin & Y. Lincoln [Eds.]. *Handbook of Qualitative Research*, 2nd ed. (1-28). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Durkheim, É. (1975 [1888]). Introduction à la Sociologie de la Famille. In V. Karady [Pres.]. *Émile Durkheim – Textes – Fonctions sociales et institutions* (9-34). Paris: Les Editions de Minuit.
- Durkheim, É. (2002 [1912]). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Oeiras: Celta Editora.
- Fiese, B. H. (2006). *Family Routines and Rituals*. New Haven and London: Yale University Press.
- Fiese, B. H. et al. (1993). Family Rituals in the Early Stages of Parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 55, 633-642.
- Fiese, B. H. et al. (2002). A Review of 50 Years of Research on Naturally Occurring Family Routines and Rituals: cause for celebration?. *Journal of Family Psychology*, 16 (4), 381-390.
- Fiese, B. H., & Kline, C. A. (1993). Development of the Family Ritual Questionnaire: Initial Reliability and Validation Studies. *Journal of Family Psychology*, 6 (3), 290-299.
- Flick, U. (1997). *The episodic interview. Small scale narratives as approach to relevant experiences* [Series Paper]. Recuperado em 29 Outubro, 2009, de <http://www2.lse.ac.uk/methodologyInstitute/pdf/QualPapers/Flick-episodic.pdf> [consulta a 29-10-2010]
- Flick, U. (2005 [2002]). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Gelles, R. J. (1995). *Contemporary Families. A sociological view*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Gilgun; J. F., Daly K., & Handel G. [Ed.] (1992). *Qualitative Methods in Family Research*. Newbury Park: Sage Publications.
- Gillham, B. (2005). *Research Interviewing – the range of techniques*. Berkshire: Open University Press.
- Gimeno, A. (2001). *A Família – O desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Holstein, J. A. & Jaber, F. G. (1994). Phenomenology, Ethnomethodology, and Interpretative Practice. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln [Eds.]. *Handbook of Qualitative Research* (262-272). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Hughes, E. C. (1984 [1971]). *The Sociological Eye: selected papers*. New Jersey: Transaction Inc.
- Imber-Black, E., & Roberts, J. (1993). *Rituals for Our Times: Celebrating, healing, and changing our lives and our relationships*. New York: Harper Perennial.
- Janesick, V. J. (2000). The Choreography of Qualitative Research Design – Minuets, Improvisations, and Crystallization. In N. Denzin, & Y. Lincoln [eds.]. *Handbook of Qualitative Research*, 2nd ed. (379-399). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Jensen, Eric W. et al. (1983). The Family Routines Inventory: Development and Validation. *Social Science Medicine*, 17 (4), 201-211.
- LaRossa, R., & Wolf, J. H. (1985). On qualitative family research. *Journal of Marriage and Family*, 47, 531-541.
- Mason, J. (2002). *Qualitative Researching*, 2nd ed. London: Sage Publications.
- Mills, C. W. (1975 [1959]). *A Imaginação Sociológica*. 4^a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Morgan, D. H. J. (1996). *Family Connections – an introduction to family studies*, Cambridge: Polity Press.

- Morgan, D. H. J. (1999). Risk and family practices: accounting for change and fluidity in family life. In E. B. Silva, & C. Smart [Eds.]. *The New Family?* (pp. 13-30). London: Sage.
- Pais, J. M. (2002). *Sociologia da Vida Quotidiana – teorias, métodos e estudos de caso*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Quéniart, A., & Hurtubise, R. (1998). Nouvelles familles, nouveaux défis pour la sociologie de la famille. *Sociologie et sociétés*, XXX (1), 1-11.
- Schostak, J. (2006). *Interviewing and Representation in Qualitative Research*. Glasgow: Open University Press.
- Viere, G. M. (2001). Examining Family Rituals. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 9 (3), 285-288.
- Weber, M. (1947). *The Theory of Social and Economic Organization*. NY: The Free Press
- Whitehouse, H. (2000). *Arguments and Icons: Divergent Modes of Religiosity*. Oxford: OUP.
- Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family Rituals. *Family Process*, 23, 401-420.

¹ Este texto adapta e sintetiza resultados de uma tese de doutoramento em Ciências Sociais, Especialidade 'Sociologia Geral', intitulada *Pequenos e Grandes Dias. Os Rituais na Construção da Família Contemporânea* (Costa, 2011), realizada pela autora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, com orientação científica de Ana Nunes de Almeida (ICS-UL) e apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/38679/2007).

² Todas as citações extraídas de obras em língua estrangeira foram livremente traduzidas para português pela autora. O texto não adopta a grafia do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa em 1990, e em vigor na ordem jurídica interna desde 2009.

³ Sobre o contributo histórico e epistemológico das metodologias qualitativas para o estudo da família *vd.* Gilgun, Daly, & Handel (1992).

⁴ Orig., *methodolatry*.

⁵ Como afirma J. Chirban, «uma entrevista, no verdadeiro significado da palavra, dá uma visão interior (*inner view*, orig.) do entrevistado» (Chirban, 1996, p. xi). A mesma aceção é utilizada por Steinar Kvale (1996) na obra intitulada *InterViews. An Introduction to Qualitative Research Interviewing*.

⁶ Referimo-nos, em particular, à utilização de escalas para avaliar a frequência e importância dos rituais familiares: quer o FRI – *Family Routines Inventory* (Boyce *et al.*, 1983; Jensen *et al.*, 1983), quer o FRQ – *Family Ritual Questionnaire* (Fiese & Kline, 1993).

⁷ *Vd.* Apêndice A – Guião de entrevista (Costa, 2011).

⁸ Isto significa levar o entrevistado a dizer «mais sobre qualquer coisa» quando pressentimos que há mais a revelar sobre o assunto. As formas mais produtivas de o fazer não passam propriamente pelo dirigir novas questões, antes pelo encorajamento à resposta mediante um enfoque no entrevistado. Nesta matéria, o principal *skill* do entrevistador passa por conduzir a entrevista com fluidez, levando o entrevistado a expandir os seus relatos mediante o recurso a pedidos de clarificação; demonstração de apreço e compreensão pelo que é dito; pedidos de justificação; solicitação de exemplos. Em suma, deve pedir a demonstração da relevância de um tópico ou o alargamento da narrativa, como se o entrevistado tivesse de «ajudar o investigador» na compreensão do que é dito (Gillham, 2005).

⁹ Estas dificuldades viriam aliás a ser confirmadas no pré-teste.

¹⁰ De facto, os estudos qualitativos apoiados em entrevista centram-se, na maior parte dos casos, apenas sobre o estudo de um ritual, o que diminui a complexidade aqui antecipada. Adelina Gimeno (2001, pp. 199-200) propõe um itinerário detalhado para a análise qualitativa dos rituais familiares centrado sobre: (1) Dados observáveis - O cenário da celebração; (2) O processo da celebração; (3) Comportamentos e significados; (4) Funções do ritual; (5) Perspectiva histórica; (6) Valorização global e (7) Proposta de optimização. Apesar de admitir a possibilidade de utilizar o mesmo esquema para a análise de vários rituais, fá-lo no entanto isoladamente com relação apenas ao Natal. Na verdade, captar empiricamente a diversidade de rituais familiares num só estudo tem sido, até agora, possível de concretizar apenas nas investigações de carácter mais quantitativo, onde a ênfase não é tanto na compreensão mas sim na inventariação e caracterização dos rituais familiares (Boyce *et al.*, 1983; Jensen *et al.*, 1983; Fiese & Kline, 1993).

¹¹ Este foi, aliás, o caminho seguido por Wolin e Bennett (1984). Em contexto terapêutico, aplicaram entrevistas semi-estruturadas a múltiplos membros da família, pedindo-lhes que descrevessem, em detalhe, os seus comportamentos durante os feriados, as refeições, as férias, etc.

¹² Os cenários considerados incluem: (1) hora de jantar; (2) fins-de-semana; (3) férias; (4) celebrações anuais; (5) celebrações especiais; (6) feriados religiosos e (7) tradições culturais/étnicas. Quanto às dimensões desses mesmos rituais familiares considera-se (a) frequência; (b) papéis; (c) flexibilidade; (d) carácter; (e) afecto; (f) significado simbólico; (g) continuidade; e (h) intencionalidade (Fiese & Kline, 1993 *apud* Fiese *et al.*, 1993, p. 642).

¹³ Para um aprofundamento em torno da memória semântica e episódica *vd.* Whitehouse (2000).

¹⁴ No início da entrevista o entrevistado é esclarecido para o princípio de base desta forma de entrevista, a fim de o familiarizar com aquilo que lhe será pedido mais tarde: «[Nessa fase] vou pedir-lhe várias vezes que descreva pormenorizadamente determinadas situações da sua vida familiar», *cf.* guião de entrevista.

¹⁵ *Cf. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, ed. Academia das Ciências de Lisboa.

¹⁶ De referir, a este propósito, a importância e necessidade de estabelecer um ponto de origem para que possamos balizar o nosso estudo. Optámos pelo início da situação familiar actual e é sobre ela que nos centramos. Este é um estudo sobre as famílias contemporâneas e todas as questões que colocamos, sobretudo na parte final, e que remetem para a memória e identidade familiar têm apenas em vista a compreensão da família na contemporaneidade e não uma perspectiva longitudinal, geracional ou comparativa.

¹⁷ A mútua exclusividade das categorias nem sempre é tão clara no que diz respeito às diversas classificações de rituais familiares. A proposta de Wolin e Bennett (1984), que distingue entre «celebrações familiares», «tradições familiares» e «interacções padronizadas» oferece muitas dúvidas quanto à classificação de determinados rituais, já que, por exemplo sob a designação de «celebrações» recaem alguns festejos anuais como o Natal, mas também os acontecimentos do ciclo de vida familiar como um casamento.

¹⁸ «Há dias a que chamamos ‘dias normais’ ou ‘comuns’. É o dia-a-dia...», «Há outros dias que não são ‘normais’ ou ‘comuns’. São de alguma forma ‘diferentes’...», «Há dias/ocasiões ou momentos a que chamamos ‘dias de família’, ‘ocasiões de família’...».

¹⁹ «Descrição, tão pormenorizada quanto possível, do acontecimento», *cf.* guião de entrevista.

²⁰ *E.g.* a idade dos filhos aquando do tratamento de dados relativos aos aniversários; a condição de primípara e a idade da mãe ou do pai aquando do momento do nascimento do(s) filho(s); ou a profissão e a condição perante o trabalho no contexto da análise efectuada sobre as compras de supermercado.